

— Mas tanto os homens como as mulheres variam em suas opiniões sobre o homem indigno, avançou ela.

— Não. Você me achou a seu gosto — e não creio que pudesse achar a seu gosto um homem que fosse absolutamente o meu contrário.

Constance emudeceu. A lógica pode ser irrespondível, mas falsa.

— E devo pô-lo a par de tudo? perguntou ela olhando-o furtivamente.

— É melhor que não saiba... Mas não está você de acordo com que o ato físico, praticado de vez em quando, nada vale diante duma longa vida vivida a dois? Não acredita que se possa subordinar o lado sexual às contingências de uma longa vida? Acha que na realidade tenham grande importância as breves convulsões dos espasmos? Não crê que o verdadeiro problema seja desenvolver a personalidade através dos anos? Vida incompleta não é vida. Se a privação do amor físico torna sua vida incompleta, Constance, vá e tenha ligação com um homem; se a falta dum filho a atormenta, consiga esse filho. Mas terá que o fazer, sempre com a mira numa vida completa, integrada e harmoniosa. Nós dois podemos realizar esta vida, não acha? Podemos adaptar-nos às urgências do nosso caso, integrando essa adaptação no tecido da nossa vida em comum. Não é a sua opinião?

Essas palavras tontearam Constance. Sim, teoricamente Clifford tinha razão. Mas na prática? Teria de continuar naquela vida em comum? Ela hesitava. Seria seu destino absorver sua vida na vida daquele homem? Não haveria outro? Contentar-se então em tecer com ele uma vida em comum, enfeitada a espaços com as flores duma aventura? Mas como poderia ela saber o que pensaria dali a um ano? Como saber se por longos e longos anos poderiam dizer Sim — o pequenino *Sim*, breve como um sopro? Apesar de leve como borboleta, essa minúscula palavra escraviza. Não. Era preciso que esse sim voasse, desaparecesse, fosse seguido de outros "sins" e outros "nãos". Bando de borboletas que passam...

— Creio que tem razão, Clifford — disse ela — e parece-me que estou de acordo. Só receio que nossa vida venha a mudar completamente.

— Mas ainda que venha a mudar completamente, está de acordo?

— Sim, acredito que sim.

Constance tinha os olhos num perdigueiro que acabava de desembocar duma encruzilhada, a ladrar para eles de foinho erguido. Um homem de espingarda em punho surgiu em seguida, cauteloso e rápido. Reconhecendo-os parou e saudou-os — e fez menção de afastar-se. Era o novo guarda-caça, cujo aparecer de improviso surpreendera Constance. Foi assim que ela o viu: como súbita ameaça vinda de não sabia donde.

O guarda-caça vestia fustão verde-escuro, com polainas da mesma cor. Estilo antiquado. Rosto vermelho, bigodes ruivos. Começou a descer a colina.

— Mellors! — chamou Clifford.

O homem voltou-se de pronto, fazendo continência.

— Quer fazer o favor de virar este carro?

Lançando o fuzil ao ombro, o homem aproximou-se, sempre naquele curioso passo cauteloso e rápido de quem procura fazer-se invisível. Era de estatura meã, um tanto magro, ar discreto. Não olhou para a Lady, só se ocupou do carro.

— Este é o novo guarda-caça — explicou Clifford a Constance; e interpelou-o: — Não teve ainda ensejo de conhecer Lady Chatterley?

— Não, meu senhor — foi a pronta resposta do homem, em tom de indiferença.

Ao erguer o chapéu para saudá-la, Mellors descobriu os cabelos bastos, quase louros. Encarou a castelã nos olhos, com firmeza, como quem mede e avalia. Quase intimidava. Constance retribuiu a saudação com um movimento de cabeça, enquanto o homem, passando o chapéu para a mão esquerda, se mantinha curvado num gesto de cavalheiro, imóvel.

— Está aqui já de algum tempo? — perguntou ela.

— Oito meses, senhora — respondeu o guarda-caça, e corrigiu-se imediatamente, sem precipitação: — minha senhora.

— Gosta do lugar? — continuou Constance, olhando-nos olhos.

— Sim, criei-me por aqui... Obrigado.